

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO DE LIBRAS PARA O ENSINO BILÍNGUE DE SURDOS

César Augusto Yaya Vargas¹

Luis Fernando Minasi²

Resumo: Este artigo explora a importância de integrar a Educação Ambiental com um enfoque crítico e transformador no Currículo da Língua de Sinais Brasileira (Libras) como Primeira Língua. A Educação Ambiental – EA é um processo contínuo por meio da interação dos estudantes com a natureza, indo além do conhecimento fragmentado. No caso dos estudantes surdos, visa ampliar as capacidades cognitivas e a emancipação social. A formação de professores é crucial nesse processo de integrar a teoria e prática pedagógica de maneira crítica. A EA, portanto, é uma oportunidade para que os estudantes surdos desenvolvam uma consciência crítica e transformadora, promovendo um acesso mais inclusivo ao conhecimento e fortalecendo sua cidadania.

Palavras-chave: Estudantes Surdos; Currículo; Libras; Educação Ambiental.

Abstract: This article explores the importance of integrating environmental education (EE), with a critical and transformative focus, into the Brazilian Sign Language (Libras) curriculum as a first language. Environmental education (EE) is understood as a continuous process that occurs through students' interaction with nature, moving beyond fragmented knowledge. For Deaf students, this approach aims to expand cognitive capacities and promote social emancipation. Teacher training is crucial in this process to critically integrate theory and pedagogical practice. Therefore, EE presents an opportunity for Deaf students to develop a critical and transformative awareness, fostering more inclusive access to knowledge and strengthening their citizenship.

Keywords: Deaf Students; Curriculum; Libras; Environmental Education.

¹ Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: cesaryayav@gmail.com, Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6494206566062217>

² Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: lfminasi@terra.com.br. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3053413467351500>

Introdução

Este artigo está pulverizado de questionamentos, descobertas e interpretações que temos realizado por motivo do estudo em desenvolvimento sobre a educação de surdos em uma escola de característica bilíngue, que tem como seu suporte político pedagógico um currículo voltado a suas necessidades.

Todavia, escrever sobre algo que se apresenta como prioridade em uma Escola Bilíngue, tal qual como a entendemos, não é um mero ato narrativo. Ao apreendê-lo como fenômeno material social concreto sensível que, se dando na realidade objetiva, mediatiza quem escreve com seus leitores sobre o que tem de assumir frente a todos uma atitude refletora de uma teoria do conhecimento, uma episteme consistente, que garanta um pensar em comum. Por outro lado, os que lerão esta escrita, assumem uma mesma atitude: têm de refazer o esforço teórico anteriormente realizado por quem escreveu, não tendo uma atitude passiva frente os dizeres dos autores.

Nossa contribuição para os temas que venham a tratar do Ensino Bilíngue de Surdos – Currículo de LIBRAS e de Educação Ambiental, como este que agora nos propomos a refletir, uma vez que esses três temas aparecem, neste momento, como complementos de um tema mais abrangente: a formação cidadã do estudante surdo.

Na reunião de tão importantes focos do pedagógico da educação de estudantes surdos, nossa discussão aqui será uma forma de ligá-los para mostrar a dependência mútua e recíproca que seus conceitos trazem e que fazem do título do tema deste artigo uma compreensão inteira. Para reuni-los na forma como se apresentam no título, devemos começar por praticar uma reflexão sobre a frase que constitui o nosso tema: A Educação Ambiental no Currículo de Libras para o Ensino Bilíngue de Surdos.

Importante salientar que esse procedimento traz a vantagem para nossa compreensão do desvelamento da totalidade, à medida que vamos adentrando, desde o ponto de vista crítico, em cada significado dos conceitos que interagem no tema. Isto nos possibilitará perceber a interação de seus termos na constituição de um pensamento estruturado, que contém um tema significativo.

A Educação de pessoa surdas – focalizando predominantemente os estudantes – que buscam ser bilíngues, tem mostrado, nos estudos que estamos realizando no Curso de doutorado em Educação Ambiental, que há uma carência epistemológica para adentrar no significado essencial das palavras, falta esta advinda desde a formação escolar/acadêmica destes estudantes, que sem um adentramento crítico na frase proposta como título deste artigo dificulta, ou mesmo impede, de levá-los à uma apreensão mais profunda de seus significados, de modo que possam, segundo Paulo Freire, superar a percepção ingênua que, sendo simplista, deixa-os sempre na periferia de tudo o que tratamos.

Trabalhar o destaque do tema nos possibilita adentrar os conceitos das categorias articuladas na frase do título. Isso nos permite uma maior proximidade

com a essência do objeto de estudo, nos possibilita apreciar o texto original em sua pureza.

Por isso, pensamos que seja necessário que admiremos a frase proposta como título para, observando-a a partir dos conceitos que nela contém, reconhecer que não deve ser tomada como um mero “clichê”, como um rótulo, pois ela é, em si, um problema, um desafio.

Todavia, se apenas fizermos uma leitura corrida do título, ficando assim na sua periferia, provavelmente não faremos outra coisa a não ser considerar o que ela envolve e continuar com o mesmo discurso de “frases feitas”.

Nossa intencionalidade com esse texto é que o leitor seja crítico em sua leitura, ao se deter na separação da totalidade em suas partes de modo a nos permitir retornar à totalidade, alcançando, desta forma, uma compreensão mais vertical de sua significação.

Ao ler o título como uma frase que encerra um tema, e que pensamos ser para a educação de pessoas surdas desafiador, podemos observar, ao separar seus elementos, as palavras – conceitos – que o termo Currículo de Libras se acha modificado por uma expressão restritiva que delimita sua extensão – Ensino Bilíngue. Nela, por outro lado, há um qualitativo: Educação Ambiental – que incide sobre a compreensão do termo Surdos.

Pensamos que esta subunidade da estrutura geral – A Educação Ambiental, que se liga ao Ensino Bilíngue de Surdos que representa, segundo a compreensão da frase/título, onde o Currículo de Libras se cumpre através da contração no (em + o).

O Ensino Bilíngue de Surdos, como entendido, se desenvolve num domínio mais amplo do que aquele que nos aparece, uma vez que o Currículo de Libras, para esses estudantes surdos, é apenas mais um dos aspectos de sua formação. Daí que nos impõe compreendê-lo em sua complexidade. Nesse complexo é que a Educação Ambiental atua, com outros conhecimentos e práticas sociais.

Se não entendemos o Ensino Bilíngue como algo que, segundo Paulo Freire, para ser, tem que estar sendo, não teremos dele uma compreensão crítica, pois o que de fato caracteriza a estrutura pedagógica do Currículo de Libras em uma Escola Bilíngue para estudantes surdos tomados em si mesmos, está no esforço pela transformação, atualização, contemporaneidade que a Educação Ambiental poderá trazer ao Currículo de Libras, quando ambos estiverem voltados à emancipação humana e política dos sujeitos surdos.

Isso nos remete ao entendimento da necessidade de clarificar a opção da Escola Bilíngue, que é política, por meios de práticas, também políticas, determinar o papel da Educação Ambiental e seus saberes no Currículo de Libras.

Refletimos, assim, que seria uma ingenuidade pensar em um currículo abstrato, com um conjunto de métodos e de técnicas de sinais e gestos neutros

para uma ação que possa vir acontecer numa realidade que também não é neutra.

A formação dos seres humanos, desde todas as possíveis manifestações das suas diversidades, demanda diferentes totalidades que constituem o complexo processo realizado pela educação. Processo este que estará sempre em constante crítica, em constante movimento e, por consequência, constante transformação que se dá na problematização de uma realidade conflitiva, que implica uma compreensão e inserção nesta realidade, de modo a construir condições favoráveis que possibilitem ao ser humano se aproximar cada vez mais de sua vocação ontológica de ser mais enquanto ser social.

O Ser mais, que precisa se manifestar no amor, na fraternidade, na cooperação mútua, geradoras de um conhecimento produtor de crítica, de diálogo e de ações revolucionárias que nos permitam ser mais do que somos desde a materialidade das relações que constituímos dia a dia, tanto com a natureza natural, como com a natureza social humana.

No entanto, diante de uma sociedade distorcida pela ideologia dominante, organizada com objetivos que atendem somente às necessidades do Capital por meio de seu modo de produção vigente, é necessário pensar para construir e desenvolver uma educação revolucionária capaz de inibir esse modelo de produção que coisifica os homens, aliena e estrutura-os como meros objetos úteis.

Assim, uma Educação que perceba a distorção da realidade ao impedir os seres humanos de vivenciarem sua vocação ontológica, pode ser mudada na medida em que no “hoje” em que se está verificando contradições no Ensino Bilíngue de Surdos e o Currículo “oficial” de Libras. Esse antagonismo, entre o protagonizado e o realizado, começa a se fazer um desafio para a Educação do Estudante Surdo.

Desafio de se propor a criar outras possibilidades onde o ser humano – neles os estudantes surdos consigam assim ser, sem degradar a natureza e sem impor suas vontades individuais sobre as necessidades coletivas.

Nesta especificidade, um currículo de Libras que desenvolva um ensino bilíngue que não marginalize as diferenças, que as respeite, que as exalte e amplie a qualidade dos conhecimentos, de forma que possibilite, para o Estudante surdo tenha a compreensão necessária de Natureza, de sociedade e das práticas que se exigem uma na outra.

Portanto, ao rever as possibilidades de transformar a forma em como se produz e reproduz a formação humana por meio da educação, é importante atingir o processo na base da sua organização – o currículo.

O currículo, que desde os postulados de Apple (2008) é poder, ideologia e cultura, constitui a forma em como se organiza a escola desde o seu funcionamento interno até as próprias expectativas que terá sobre os estudantes que passam por ela. Assim, o currículo, como uma representação do estado dentro das escolas – principalmente públicas –, enfrenta diferentes debates

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 5: 251-268, 2025.

hegemônicos entre os interesses do capital e os interesses socioculturais, onde as leituras feitas mediante diferentes experiências investigativas³ dão a perceber que são os primeiros – os interesses do capital – os quais tem ganhado a batalha. Posto que,

o currículo torna-se o que pode ser mais bem descrito como um futebol político. Quando se acrescenta a essa situação uma imensa pressão para que o sistema educacional de muitos países torne os objetivos da área de negócios e da indústria seus próprios objetivos fundamentais ou únicos, a questão adquire um destaque ainda maior. (APPLE, 2008, p. 21).

Com Apple (2008), entendemos que o currículo pode se tornar como um mecanismo de opressão onde a Classe dominante, proprietária dos meios de produção, atua mediante um processo de alienação do produtor e suas necessidades básicas.

Para Sacristán (2000), as aprendizagens que os alunos realizam em ambientes escolares não acontecem no vazio, mas estão institucionalmente condicionadas pelas funções que a escola, como instituição, deve cumprir com os indivíduos que a frequentam. Na particularidade de uma Escola Bilíngue para estudantes surdos, as aprendizagens que esses estudantes precisam produzir, dentro de cultura escolar determinada pelo currículo, precisariam estar condicionadas pelas funções que uma Escola Bilíngue deve cumprir com os estudantes que a frequentam.

Este movimento, que determina a quem serve este ou aquele modo de estruturar um currículo, geralmente está a cargo de altas esferas das instituições de controle que conseguem convencer diferentes coletivos e organizações de professores que essas devem ser as diretrizes a serem seguidas, em prol de uma estabilidade econômica e social que possa se refletir nos índices econômicos nacionais e internacionais, mas jamais na prática dos trabalhadores.

A ideia anterior encontra-se justificada também nas palavras de Paulo Freire (2022), quando nos induz a pensar que o conflito de interesses se manifesta de forma mais evidente quando se pretende modificar situações estabelecidas, nas quais determinados conteúdos estão aceitos como componentes “naturais” do currículo e outros não:

O que pretendem os opressores “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os dominem. (FREIRE, 2022, p. 84).

³ A serem exploradas ao longo do documento.

De Paulo Freire resgatamos a forma como a Educação atravessa esse processo de bancarização fazendo do oprimido o meio pelo qual pode reproduzir a dita opressão dentro das escolas e das aulas que disfarçam conhecimento e cuidado com continuísmo e falsa amorosidade.

Ao abordar a importância e a necessidade de um Currículo para o Ensino de Surdos em uma Escola Bilíngue, temos presente, seja qual for a opção curricular que cada caso possa vir a adotar, todos os componentes culturais são transformados em conteúdo do Currículo. E para o Ensino Bilíngue de Estudantes Surdos esses componentes culturais precisam ser contemplados em um Currículo para além do específico de Libras.

O estudante que se confronta com os mais variados aspectos do currículo, segundo Sacristán (2000), não é um indivíduo abstrato, mas proveniente de um meio social concreto e com uma bagagem prévia muito particular que lhe proporciona certas oportunidades de alguma forma determinadas e um ambiente para dar significado ao currículo escolar, o mesmo acontecendo com as peculiaridades daquele indivíduo surdo.

É por isto que este estudo se torna relevante, ainda mais neste momento de implantação de um novo currículo para surdos no município do Rio Grande/RS, posto que, ao ser a primeira tentativa, tem o poder de transformar a educação de surdos desde a sua base e, além, tem a potencialidade de se tornar um referencial de transformação e revolução para a educação de surdos em todos os níveis.

Neste estudo exaltamos a conquista da Escola Bilíngue pelo esforço de organizar seu currículo de Libras e a partir deste é que vamos nos propor a aportar, desde a Educação Ambiental, as adequadas condições para que nela tenham uma educação qualificada e socialmente referenciada aos surdos, na busca de uma sociedade justa, equitativa e crítica, que possibilite ao Estudante Surdo ser o sujeito de uma mudança radical no processo de sua aprendizagem.

Sobre a necessidade de um currículo de Libras para o Ensino Bilíngue de surdos

O “Currículo da Língua Brasileira de Sinais – Libras – contendo Componentes conteúdos pedagógicos e metodologia de ensino para estudantes surdos aprendentes de sua Primeira Língua” (CLBS, 2020), constitui-se em um documento elaborado conjuntamente pela Secretaria Municipal da Educação do Rio Grande – SMED, a Universidade Federal do Rio Grande – FURG e a Escola Municipal de Educação Bilíngue Profa. Carmen Regina Teixeira Baldino – EMEB, sob orientação de professores que atuam nesta área específica.

A equipe de trabalho, envolta na questão da educação de surdos e próxima das questões que são inerentes à comunidade surda e do processo de organização e funcionamento da escola, produziu um Currículo de Libras para o ensino de estudantes surdos de uma Escola Bilíngue, como documento orientador

para a instrução e formação de estudantes surdos e de estudantes com deficiência⁴ auditiva no município do Rio Grande/RS.

O documento foi gerado como resposta à necessidade de se ter uma diretriz mais clara e precisa para o pleno atendimento pedagógico na única escola bilíngue para surdos na cidade. A proposta deste currículo de Libras busca atender de forma coerente e pertinente as necessidades educativas de uma população surda, a qual materializa seu pensamento mediante um canal visual-gestual e não lábio vocal na maioria dos espaços de ensino de estudantes surdos.

Portanto, ao se observar que na Rede Municipal de Ensino não havia condições adequadas e necessárias para incluir na sala de aula comum estudante surdos, de modo a garantir um ensino de qualidade para esses estudantes, e que possibilitasse o desenvolvimento das aprendizagens necessárias para sua integração no ambiente escolar e social, se fez necessário pensar em um espaço voltado para discutir e formar estes estudantes. Espaço formalmente estruturado no dia 05 de fevereiro de 2015 que se intitulou: A Escola Municipal de Educação Bilíngue Carmem Regina Teixeira Baldino (SMED, 2017).

A escola, criada no ano de 2015, nos dois primeiros anos de seu funcionamento já atendia uma demanda de 64 estudantes entre 04 e 59 anos de idade. Nela configurava-se um espaço de aprendizagem cultural, posto que como se evidencia na sua proposta de currículo: “Os alunos precisam aprender não apenas as práticas culturais, mas também as perspectivas da cultura surda e os produtos influenciados por essas perspectivas” (CLBS, 2020, p. 14).

Não é fácil, portanto, pensar na possibilidade de um núcleo de conteúdos escolares obrigatórios para todos, estranhando as diferenças que se criam e se desenvolvem entre os sujeitos durante o processo individual, aos quais os indivíduos buscam ter as mesmas oportunidades de êxito escolar. Isto indica que a Escola não se estabelece como espaço formal para a aprendizagem de conteúdos preestabelecidos, e sim como um lugar para aprender a ser surdo, ou, na melhor das semânticas, lugar para aprender a deixar de ser surdo.

A cultura comum do currículo obrigatório, também no caso específico do estudante surdo, é mais um objetivo de chegada do que propriamente de partida para novos saberes e práticas. Porque, frente a qualquer proposta pedagógica, os estudantes procedentes dos meios sociais mais diversos, para aprender e desenvolver uma racionalidade crítica e transformadora do social, precisam obter êxito acadêmico na sua permanência na escola e universidade e superar as mais diferentes situações que lhe aparecem.

Isto significa dizer que o currículo de Libras, sendo comum para todos, como esse implementado nesta Escola Bilíngue, não é suficiente se não forem consideradas as diferentes condições que marcam as desigualdades nas oportunidades, frente as necessidades de aprendizagem que cada estudante

⁴ Surdos com deficiência congênita ou adquirida que demanda uma comunicação principalmente referenciada pela Língua Brasileira de Sinais – Libras.

apresenta, e as adaptações teórico-metodológicas que precisam ocorrer no ambiente escolar, de modo a vir favorecer uma equidade ao acesso à proposta contida no Currículo como expressão do Projeto Político-Pedagógico defendido pela escola, mesmo que esta Escola Bilíngue, por si só, não tem conseguido superar ou mesmo resolver as diferenças sociais nela existentes.

Para Whitty (1985, p. 68), seria um erro conceber um currículo comum para todos como via por excelência para a conquista da justiça social, pois esta exige discriminações positivas a favor dos que terão menos oportunidades perante tal currículo. Precisamos pensar se o Currículo de Libras desenvolvido por esta Escola Bilíngue não acaba por incorporar no currículo comum para todos o que é próprio da cultura dos menos favorecidos: a cultura manual.

A formação multilateral do surdo requer que seu currículo formador esteja ambientalizado com a atualidade, fazendo com que seus estudantes possam conhecer e aprender suas lutas, seus ganhos e perdas, sua cultura, suas possibilidades e esperanças. Um lugar orientado para a formação humana integral que, como todo processo revolucionário, precisa se afastar do modo de produção atual e vislumbrar um outro mundo possível.

Portanto, é por este fim que, após cinco anos da estruturação da escola, surge uma proposta curricular pertinente e contextualizada sobre as necessidades da comunidade surda da cidade. Proposta que surge da prática de professores formados em serviço que carecem de uma formação teórica que possibilite não só trabalhar com o surdo, mas também com uma projeção do que é e do que pode vir a ser o surdo.

Não se tem, em momento algum, com este trabalho, a pretensão de ferir o mérito do trabalho dos professores que, com a esperança de uma sociedade melhor, assumem uma prática a qual ainda carece de recursos e reflexão que atingem as salas de aula e não meras reflexões no papel. Para estes seres humanos que enfrentam o que é uma batalha desgastante, apenas com aquilo que é posto nas suas mãos, nossa eterna compreensão.

No entanto, é importante discutir a formação que recebem os professores que trabalham com estudantes surdos, nos quais recai o compromisso de criar condições adequadas para que a transformação da sociedade aconteça.

Assim, a relevância de um currículo para a formação cidadã dos sujeitos surdos não se encontra na possibilidade de concretizar sua vocação ontológica, mas sim naquilo que o currículo efetivamente consegue produzir como humanidade. Quer dizer, o fato de existir um documento – o currículo de Libras – que discute as necessidades fundamentais e especiais da formação humana dos estudantes surdos mostra-nos, por outro lado, que existe outra demanda para o currículo, colocadas como desafio ao ensino de surdos, que são as transformações que se propagam no ambiente social, por cujas dinâmicas se faz necessário romper com o ensino tradicional, quebrar o silêncio do ensino regular e começar a se questionar sobre um ensino diferenciado, mas não especializado.

É importante ressaltar que a luta da comunidade surda poucas vezes é coordenada e orientada por um surdo, pois ainda é dominante a educação do surdo por professores não surdos e o entendimento de que o saber é uma doação dos que se julgam sábios – como nos diz Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido* – aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações fundamentais da ideologia da opressão.

A referência à Educação Bancária conceito criticado por Paulo Freire em *“Pedagogia do Oprimido”* (1987), manifesta-se no Currículo de Libras na Escola Bilíngue Carmem Regina, pois, apesar de os docentes, na condição de ouvintes, terem tentado formular novas perspectivas para a educação de surdos, a elaboração do currículo de Libras foi, paradoxalmente, fundamentada em suas próprias experiências como ouvintes.

Esta forma de organização de um currículo de Libras, onde somente ouvintes o organizaram, ratifica a presença de uma formação do estilo bancário, onde o educador escolhe o conteúdo programático e sua forma de trabalho e os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele. O educador, porque ouvinte, na relação com estudantes surdos é o que opta e prescreve sua opção, enquanto ao educando, na especificidade do currículo de Libras para o estudante surdo, cabe seguir à prescrição.

Se pretendemos a emancipação dos estudantes surdos, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados, essa emancipação, quando autêntica, que é a humanização em processo, na educação de sujeitos surdos, não é uma coisa que se deposita nele, mas o chama para participar de modo a ficar envolvido e comprometido com sua própria formação/educação.

A professora Vanessa Martins salienta:

... aqueles que pensam, e pensavam a história surda, sua reprodução e manutenção, o faziam fora da perspectiva surda e sem representantes surdos sinalizadores; e ainda, o ensino ou a “pedagogia para surdos” tem sido (re)produzida por ouvintes que não estão circunscritos na cultura surda e nem a entendem como significante e produtora de diferenças – deste modo pensavam na deficiência da surdez e não nas possibilidades das diferenças surdas e de suas produções através da língua de sinais (Martins, 2021, p. 197).

Em concordância com Martins (2021), entendemos que a Educação Ambiental, no todo do currículo de Libras, deveria estar manifestada desde a construção do diálogo que deve ser estabelecido entre o grupo de ouvintes, que pensam e discutem a formação de surdos, e os surdos que devem ser sujeitos ativos nesse processo, e não apenas meros receptores de conteúdos a serem memorizados, repetidos, traduzidos ou interpretados.

Nesse sentido, os componentes curriculares no Currículo de Libras, para uma educação básica e obrigatória, exigem certamente uma transformação nos processos metodológicos com mudanças importantes na formação do professorado, que é seu principal mediador de modo que impeça os velhos esquemas didáticos e dê significado a qualquer inovação que se introduza na escola.

Assim, pensamos que a implementação do Currículo de Libras em uma escola bilíngue principalmente acarretaria uma ampliação de encargos da escolaridade, como nos diria Sacristán (2000), como reflexo da organização do currículo, repercutindo em toda a organização deste tipo de escola – bilíngue – assim como nos professores, nos mecanismos de controle da aprendizagem dos estudantes, na relação entre a escola e os pais, e na própria determinação sobre que conhecimento e procedimentos pedagógicos mais seguros que possam ordenar o funcionamento da totalidade do processo.

Como já identificamos a partir da vivência em uma escola Bilíngue, formalizar procedimentos, ou mesmo operacionalizar o Currículo de Libras em uma escola, especificamente Bilíngue, com todas as suas “situações-limite”, com fins de atender objetivos dos mais variados, complexos e conflitivos, não é tarefa simples.

A prática como Critério de verdade, dentro da perspectiva do Materialismo histórico, o qual é o caminho dos pesquisadores, tem nos permitido evidenciar e entender que a forma como se produz o conhecimento sobre a formação dos surdos, em muito obedece às condições materiais atuais que determinam o movimento deste fenômeno.

A importância de um conhecimento atualizado torna-se necessário para entender e dirigir as práticas pedagógicas, para que os professores não fiquem à mercê dos limites que lhes são impostos pelas circunstâncias que os rodeiam e os impedem de realizar um bom trabalho. A resposta que precisa ser dada por parte do corpo docente da escola exige mais capacidade profissional.

Tem sido interessante observar que, coerentemente aos motivos pelos quais são realizadas, grande parte das pesquisas desenvolvidas sobre educação de surdos é feita por ouvintes. Esta afirmação, própria da observação da nossa atividade investigativa, mais que uma preocupante realidade, traz consigo os motivos pelos quais os surdos carecem de presença nos próprios espaços dirigidos e organizados para a sua formação.

O debate sobre o todo do currículo, seu conteúdo e forma, principalmente quando se trata do Currículo para uma escola Bilíngue para surdos, precisa ser encarado como um problema de ordem social e política, pois o conteúdo de conhecimento do Currículo de Libras para estudantes surdos, longe de apresentar algo dado para serem desenvolvidos tecnicamente por meio de sinais, precisa ser sentido como uma problemática. É preciso deixar claro o para quem e contra quem se desenvolve um currículo desta natureza.

O currículo implementado pela Escola Bilíngue Carmem Regina, mesmo com os avanços didáticos pedagógicos que apresenta, por ser próprio e não um currículo adaptado, pouco tem considerado o ambiente onde se desenvolve. O todo do ambiente, desde os aspectos de âmbito cultural e social do estudante surdo, não são evidenciados nas práticas pedagógicas que a Escola desenvolve, pois não altera as condições favoráveis para alienação produzidas pelo modo de produção que atingem todas as dimensões da sua constituição como sujeitos, quer dizer, a formação do surdo, com um currículo próprio de Libras, pode romper com a forma em que a escola está organizada e a forma em como as instituições encaminham o processo pedagógico da educação de estudantes surdos, de modo a favorecer a produção de uma consciência crítica nestes estudantes.

Porém, a proposta do currículo de Libras, mesmo sendo importante, e marcando um precedente para a região, precisa evitar a fragmentação do processo da formação, quando caminha em uma ideação genérica, ao avaliar como igual a vivência de cada aluno surdo.

Os idealizadores da proposta curricular de Libras para o ensino bilíngue de surdos, buscando responder a uma necessidade da realidade, elaboraram um documento que voltou-se ao geral, pela especificidade do local, posto que, ao ser um documento construído desde a cidade e para a cidade, ficou limitado ao abandonar a relevância do processo de inclusão social contido nele, pois no conteúdo de sua forma ignora a importância dos fatores econômicos, políticos e sociais, os quais encontram-se imersos cada um dos surdos que participam da educação formal. Perde-se aí a oportunidade de ambientalizar esse currículo, não o politizando.

Assim, enquanto o documento, com seus lineamentos curriculares, em muito posiciona o surdo dentro de uma perspectiva da autodesvalia, uma característica dos oprimidos. Parafraseando Freire (1987) os surdos, de tanto pensarem e serem considerados enfermos, deficientes, incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que não produzem em virtude de serem surdos, terminam por se convencerem que são mesmo incapazes.

O grande problema que se apresenta para a educação dos estudantes surdos, que buscam um lugar na universidade e também aos professores e mesmos os pesquisadores que exploram o tema, está em desvelar como poderão os estudantes surdos, que de alguma forma “hospedam” em si essa desvalia, participar da elaboração, como seres oprimidos, da pedagogia de sua libertação, da sua autonomia, da sua emancipação.

Se, como Freire (1987), estamos considerando os homens como seres de busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, não sobrarão dúvidas que o Currículo de Libras para o Ensino Bilíngue de surdos precisará refletir com suas práticas a ação e a reflexão dos estudantes surdos neste particular, sobre o mundo, sobre a realidade, sobre o ambiente e suas mediações para transformá-lo.

Isso nos remete a pensar que o atendimento de estudantes surdos, nas políticas públicas de inclusão oferecendo, sem restrições, garantias das condições de acesso e permanência dos estudantes dentro da rede de ensino pública, que possibilite que sejam formados desde as suas reais necessidades e suas condições contextuais. Essa inclusão não significa estar na escola ou na universidade, mas participar socialmente dos contextos sociais.

Sobre o lugar da Educação Ambiental no Currículo de Libras

Para conseguir evidenciar a nossa preocupação sobre a formação de estudantes surdos, desde os conhecimentos e práticas da Educação Ambiental, se faz necessário demarcar e anunciar a nossa compreensão de Educação Ambiental que, no nível mais simples de compreensão, pode ser evidenciada como uma educação que parte do ambiente do estudante, atingindo as análises das relações que estes processos geram para o atingimento de objetivos comuns.

De forma mais aprofundada, pela linha de raciocínio do professor Minasi (2014), podemos dizer que

A Educação Ambiental Transformadora é compreendida por nós, como a educação essencialmente comprometida com a transformação, mudança da forma, alteração radical no modo de organização da sociedade, por meio da emancipação dos sentidos dos sujeitos, de maneira que lhes seja possível desenvolver uma consciência crítica, verdadeira, dialética da realidade. É, portanto, um instrumento a serviço da classe oprimida, um meio para a revolução do proletariado (Minasi 2014, p. 43).

Junto com o trecho complementamos dizendo que será então o lugar, as condições, a historicidade a forma como se constituem os estudantes surdos, o ambiente desde o qual se produz a sua educação, denominado assim a Educação Ambiental. Educação que perpassa o conhecimento dos fenômenos materiais da natureza para atingir os fenômenos materiais sociais, próprios da sua construção subjetiva do conhecimento que se faz na interação dos seus sentidos com ditos fenômenos. Construção que terá diferenciais a causa da ausência da audição, mas que não limitam para ter uma compressão aprofundada do tudo que está disponível para conhecer.

Portanto, para o caso pontual do estudante surdo, e tudo o que envolve a sua educação, a Educação Ambiental é o instrumento para aprender de si, e para si, para constituir as condições que efetivem sua participação no processo social, desde o conhecimento da sua história, sua historicidade sua condição de classe e a realidade objetiva que determina o movimento de cada um dos fenômenos que os rodeiam.

A Educação Ambiental tem um viés popular que chama para a transformação desde o trabalho coletivo, para que, em consequência, consiga-se alcançar a ontologia do ser humano de ser mais, e alcançar um estágio superior de conhecimento frente as relações que se estabelecem entre os homens e os homens e a natureza. Porém, a Educação Ambiental não precisa se manifestar em um único espaço, ou de forma delimitada como componente curricular, deve estar na interdisciplinaridade da formação e na objetivação do conhecimento a ser construído na educação formal.

Assim, ao analisar o documento curricular, encontramos nele uma versão distorcida da Educação Ambiental, reduzida principalmente a uma epistemologia do ambiente, ou a configuração de condições para possibilitar um ensino dentro de um marco fragmentado especializado particular, isto seguindo o trecho destacado ao afirmar que:

O documento apresenta “três modelos de ambientes de aprendizagem de línguas para crianças surdas: aqueles que priorizam a LS e, após, a língua oral (o bilinguismo); aqueles que apresentam a língua oral concomitante à LS, como apoio (a comunicação total); e aqueles que expõem as crianças surdas apenas à língua oral, sem sinais (o oralismo)” (CLSB, 2020, p. 10).

Portanto, entendemos a prescrição de ambiente, e em consequência a Educação Ambiental, é aquela fragmentada que avalia as condições específicas para atingir uma particularidade do ensino, uma particularidade da totalidade dos estudantes. Procurando perpassar seus âmbitos sociais, mas atingindo o educativo como a conexão entre realidade subjetiva e objetiva.

Consequentemente, enquanto discute sobre o porquê do ensino bilíngue, e a necessidade do ensino bilíngue para o surdo destaca no particular das crianças que:

Portanto, quando uma criança surda ingressa na escola e ainda não adquiriu a Libras, ou seja, a sua língua, esse deve ser o primeiro conhecimento a ser adquirido de forma natural. Por isso, a Libras deve ser ofertada de forma abundante em um ambiente linguístico favorável para a sua aquisição. No ensino bilíngue os professores devem ser fluentes nas duas línguas, o que inclui conhecer toda a estrutura da Libras, não apenas da Língua Portuguesa. Os demais atores da escola, desde portaria até o serviço de merenda e limpeza também devem ter condições de se comunicar com os estudantes em Libras, a fim de que todo o ambiente seja oportuno para o aprendizado e fortalecimento da língua. (CLSB, 2020, p. 7).

Assim, é possível afirmar que a Educação Ambiental não é apresentada como um campo teórico, se não como uma prática que permite organizar e apresentar as possíveis condições para, porventura, elevar o grau de qualidade da construção de conhecimento dos estudantes surdos. Projetando uma realidade possível para a qual não existem as condições materiais, se encontrando assim em um subjetivismo utópico.

Consideramos, então, que as discussões sobre educação de surdos, e mais particularmente a discussão da Libras como um componente curricular, não pode se afastar da realidade objetivada e da totalidade que ela demanda. Quer dizer, ao entender as Libras como um componente comunicativo, natural para a comunidade surda, a qual encontra-se numa sociedade com o Português como língua prioritária para a comunicação, não é possível falar de bilinguismo se o Português não está no mesmo nível da Libras.

Para fins de ser claros, e não incorrer em falas que possam ferir sensibilidades, em nenhum momento é a nossa intenção, como pesquisadores e Educadores Ambientais, colocar de maneira forçada o Português para os surdos, posto que a prática nos mostra o nível de desenvolvimento possível da língua para estes estudantes. Mas, sim, levantamos a crítica no documento ao dizer que não tem como discutir Libras como componente curricular, se não se fala do Português como componente curricular para os surdos. Posto que para estes, aprender Português será como para qualquer outra criança aprender uma língua estrangeira, mesmo com todas as condições culturais e sociais existentes em torno do Português.

Portanto, é uma oportunidade de avanço, para o currículo de Libras, discutir não só a forma em como as Libras devem permear a escola, mas também como o Português e seu ensino também precisam passar por uma discussão, por uma análise que encontre, nesse trabalho conjunto Libras e Português, a forma de construir as condições para que o Estudante Surdo atinja o inédito viável da sua formação e constituição como ser humano.

Assim, a Educação Ambiental precisa preencher todos os espaços que discutem a educação de surdos não como condições constituintes, se não como um processo de relação com as diferentes dimensões do surdo. Para que este não seja constituído desde os parâmetros e lógicas dos ouvintes, e sim desde o conhecimento da sua historicidade, da sua classe e das suas condições dentro do modo de produção atual, seja capaz de se emancipar das suas amarras mentais e consiga constituir um novo entendimento do que implica a surdez e a sua epistemologia para e com a natureza natural e social.

Sobre as considerações para aprofundar este estudo

A educação como processo demandará sempre o contínuo aprofundamento sobre os conhecimentos construídos. Conhecimentos que não surgem da aleatoriedade ou da cognição do nosso pensamento. Conhecimento

que se estrutura e constitui desde a nossa relação com a materialidade da natureza.

Natureza, que se apresenta e se organiza desde a interação com os nossos sentidos como única forma de aprender desde e com os fenômenos materiais sociais e naturais. Porém, o processo de aprender, de construir conhecimento com um sentido a menos, terá consequências direitas sobre o conhecimento da totalidade do fenômeno. Esta realidade, verdadeira pela validação da prática, não pode ser imposta ao surdo como um limitante, se não como uma possibilidade.

Possibilidade que, de explorar a natureza humana, a natureza do seu intelecto mediante vivências e experiências de práticas com perspectiva crítica, consiga superar as condições apresentadas por suas possibilidades “físicas”. Queremos dizer, com isso, que práticas voltadas à transformação do status quo, aprofundam potencialidades cognitivas dos sujeitos na procura de conhecimentos reveladores da realidade social, encaminhando um processo que aproxima esse sujeito da sua vocação ontológica do ser mais humano.

Portanto, o nosso estudo sobre a representação da Educação Ambiental no CLSB não poderá ser pensado como uma crítica destrutiva que tente diminuir o trabalho feito por professores e estudiosos da realidade das pessoas/estudantes surdos, mas sim que pretende introduzir uma outra racionalidade com perspectiva crítica e revolucionária, que não só transforme as condições alienadoras existentes de modo a organizar as bases para uma outra sociedade possível.

Ao considerar algumas possibilidades de a Educação Ambiental integrar o currículo de Libras e assim atualizar as práticas didático-pedagógicas na educação de surdos, se oportunizará ao estudante surdo a possibilidade de exercer e expressar a sua cidadania.

Os saberes ambientais, assim, emergem como consciência crítica e avançam com propósitos estratégicos criadores de possibilidades de instrumentar os estudantes surdos para que sejam eles a manifestarem suas necessidades educativas, e não passivamente adotarem modelos baseados em lógicas de ouvintes em prol da manutenção de políticas impertinentes e isoladas.

Em vista disso, o conhecimento que buscamos apresentar, almeja chegar principalmente aos professores atuantes e em formação, que possivelmente terão estudantes surdos em suas salas de aula, pensando que desde a sua formação inicial ou continuada consigam levar nas suas práticas as questões aqui apresentadas. Vargas e Minasi (2022), quando tratam o professor de surdos um educador ambiental, consideram:

Portanto, ao ser considerado um educador ambiental, o professor de surdos encontra-se na responsabilidade de ir além da sua formação, de se construir como ser social e de entender a sua função no processo de emancipação dos estudantes surdos, mesmo na posição de classe dominada. Isto podemos encontrar

em coerência com Freire (1997) ao afirmar que “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura da sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (Vargas; Minasi, 2022, p. 54).

Assim, uma vez que o professor, educador de estudantes surdos, consiga refletir sobre as suas próprias práticas de ensino no contexto da educação de surdos, conseguirá encontrar na Educação Ambiental os recursos teóricos e práticos para conseguir a sua emancipação. Processo determinante desde o estudo de uma Educação Ambiental Crítica, onde as práticas tenham coerência com a teoria e não como tem se apresentado desde os estudos de Tozoni-Reis (2013) que discute a fragmentação da Educação Ambiental desde uma ideologização do currículo, fragmentado e quebrando os conhecimentos críticos necessários para a educação de surdos pontualmente.

Desta forma, certamente cairá sobre a formação de professores, e na constituição destes seres humanos a tomada de decisões que apontem para um modelo de sociedade que coloque prioridade nas questões ambientais, sem fragmentar ambiente e sociedade, que consiga desde a articulação da teoria da Educação Ambiental Crítica e a prática pedagógica na sala de aula com estudantes surdos, vislumbrar a realidade do modo de produção e encontrar na sua essência a possibilidade do ser mais, de aprender mais e transformar a representação social dos fenômenos a serem aprendidos.

Indícios para um próximo aprofundamento

A prática educativa transformadora será sempre aquela que apresenta mudanças radicais em seus conteúdos e abordagens metodológicas, a incidência da ação ser a realidade a ser transformada. O viés teórico que orienta tal compreensão traz em sua relevância a produção de um novo conhecimento, uma nova racionalidade nas palavras de Leff (1998), de modo que consiga organizar as condições para que o surdo seja formado desde a sua totalidade e não desde os fragmentos de uma realidade fragmentada, isolada e a-histórica.

Dessa forma, aprofundar a crítica sobre as implicações de um currículo de Libras terá grande pertinência não só na escola para a qual este está desenhado, mas para o Brasil todo como referência de educação de surdos na América Latina.

Portanto, as falas e posicionamentos dos saberes dos surdos precisam perpassar o nível de conhecimento técnico e metodológico para trazer do surdo e de sua subjetividade instrumentos para a construção de parâmetros comuns para uma discussão politizadora da educação de surdos.

Parâmetros que precisam ter um encharcar teórico, preferencialmente dentro do conhecimento da Educação Ambiental como processo interdisciplinar que não se limita à inclusão nos conteúdos escolares, que tem que vir a ser –

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 5: 251-268, 2025.

tornar-se – uma prática de vida e trabalho, como realidade presente, existencial concreta, reflexo do conjunto de aspirações da comunidade surda e seus estudantes, e que será possível organizar o conteúdo programático da educação ou mesmo de qualquer ação política que envolvam essa comunidade na busca de relações humanas voltadas a uma sociedade equitativa e justa.

Finalmente, como próximo estágio desta pesquisa, é buscar deixar claro a socialização e o diálogo desde o conhecimento do currículo de Libras, e a sua interação com os outros componentes curriculares, com a realidade do surdo, com sua história, com sua classe, com seus limitantes e possibilidades. Para que, juntos, nas coletividades, surdos, professores, corpo diretivo, pais e sociedade consigam ter propostas de formação que estejam orientadas para a emancipação dos sentidos, para construção de uma consciência crítica, e não ao propósito do capital nem suas instituições de controle.

Para que seja uma educação desde o possível, desde o diferente e as diferentes formas de construir conhecimento, e não desde o limitante e o impedimento, onde a igualdade será compreendida com os mesmos comportamentos e jeitos de ser, e não como a possibilidade de acesso a conhecimento, a sua comunicação crítica e implementação, desde a organização de condições para o ser e estar na natureza natural e social.

Será necessário, então, reunir todos os atores políticos da constituição desta educação, e desde um conhecimento teórico aprofundado compreender a alienação do sistema e as contradições que se encontram no todo dos fenômenos sociais que impendem que a educação de surdos seja, além de um documento estruturado, uma realidade objetiva, crítica e transformadora.

Agradecimentos

Ao professor Doutor Luís Fernando Minasi, professor e orientador cuja prática aporta para a construção de condições para uma revolução cada vez mais necessária.

Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo** [recurso eletrônico] / Michael W. Apple; tradução Vinicius Figueira. 3ª ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre/RS: Artmed, 2008.

CRUZ, Ricardo; MINASI, Luis Fernando; BIGLIARDI, Rossane. A formação do pesquisador da Educação Ambiental: reflexões a partir da categoria de ideologia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], p. 38-57, 1 jul. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

Revbea, São Paulo, V. 20, no 5: 251-268, 2025.

LEFF, E. **Saber Ambiental**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

MARTINS, Vanessa Regina. Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior. **Cadernos do CEOM, Memória, História e Educação**, [S. l.], p. 191-206, 4 abr. 2023.

MASSONI, P. C. M. et al. Educação Ambiental crítica, da teoria à prática escolar: análise da experiência de um projeto no contexto de uma escola pública do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 86-102, 2019.

MERTZANI, Maria; TERRA, Cristiane; DUARTE, Maria. **Currículo da Língua Brasileira de Sinais – Libras**: Componente Curricular Como Primeira Língua. [S. l.: s. n.], 2020.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a Prática. 3ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

TOZONI-REIS et al. Conteúdos curriculares da Educação Ambiental na escola: contribuições da pedagogia histórico-crítica. VII Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: EPEA, 2013.

VARGAS, C. A. Y.; MINASI, L. F. A Educação Ambiental na formação de estudantes surdos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.18, n.3, pp.77-91, 2023.